

Área de Integração

“O trabalho, a sua evolução e estatuto no Ocidente”

Noção de trabalho: desenvolvimento de uma atividade ou conjunto de atividades físicas e intelectuais que nos permite obter um determinado resultado com vista a satisfazer as necessidades humanas. Para o sociólogo Giddens, uma ocupação é um trabalho, mesmo não sendo remunerada, tal como também é um emprego, em que as pessoas são remuneradas.

O trabalho desempenha um papel importante na vida das pessoas porque permite:

- Obter um rendimento que possibilita à pessoa satisfazer as suas necessidades e as da sua família.
- Desenvolver capacidades intelectuais e físicas, por exemplo.
- Contactar outros ambientes e contextos diferentes dos vividos no lar.
- Organizar o dia-a-dia de acordo com o ritmo de trabalho e assim ter uma estrutura de referência de tempo.
- Diversificar os contactos sociais e poder criar laços de amizade com um grupo maior de pessoas.
- Permite um certo grau de autorealização e de integração social.

Perspetivas sobre as quais o trabalho pode ser analisado:

- **Trabalho como técnica de produção:** exemplo relação homem/máquina, ou seja, o posto de trabalho tem de se adequar quer ao nível físico, quer psicológico do sujeito.
- **Trabalho como fenómeno social:** exemplo, o trabalho é gerador de produtos, mas também é gerador de relações sociais.
- **Trabalho como prática da sociedade:** engloba a atividade social no seu todo (produtividade, novas relações sociais e novas formas de trabalho).

Evolução histórica do conceito trabalho – origem etimológica

Trabalho advém de TRIPALIARE (tortura, algo penoso, fadiga, sofrimento, condição dos escravos e dos servos da gleba, não de homens livres que se dedicavam ao ócio e à contemplação).

As alterações verificadas aos níveis económico e religioso sentidas a partir de meados do século XV, fazem com que se encare a sociedade de forma laica.

Assim, o trabalho começa a ser encarado noutra perspetiva: não como tortura e apenas destinado às classes mais baixas, mas como algo que deve ser valorizado e estimulado, pois dignifica a existência humana, sendo uma fonte de progresso social e económico, constituindo-se o ócio como algo reservado a quem desenvolve uma atividade.

Do homem recoletor ao escravagismo

Quando se fala neste tema, temos de estabelecer três divisões: a do **homem primitivo** que vivia da recolha de alimentos, da caça e da pesca para a sua sobrevivência.

Com a descoberta da **agricultura e da pecuária**, permitiu que o homem se tornasse sedentário e fixasse a sua habitação formando agrupamentos humanos.

Com o aperfeiçoamento do **trabalho dos metais**, surgem novos ofícios, como o tecelão e o oleiro, separando-se os ofícios da agricultura e da pecuária.

Do escravagismo ao servilismo

Trabalhando em condições muito duras, o escravo tem uma baixa produtividade, o que consequentemente provocou revoltas e fugas. Assim entende-se por servilismo, a situação característica das sociedades feudais, em que os escravos adquirem liberdade e tornam-se cidadãos livres – servos da gleba. No entanto, não eram totalmente livres, pois não podiam deixar de trabalhar na agricultura e não podiam vender de forma livre, a sua força trabalho. Era um vínculo que se perpetuava no tempo e passava de geração em geração, vivendo em situação de grande miséria.

Nos finais do século XVI, o servilismo entra em declínio, devido a fatores como:

- As epidemias
- O crescimento do comércio (nova classe – burguesia)
- O crescimento das cidades (êxodo rural)
- Surgimento de atividades ligadas à indústria.

A organização medieval do trabalho

Nos finais do século XIV dá-se o abandono dos campos – vão para as cidades em busca de trabalho, de melhores condições de vida e de salário. Surgem novas atividades e as corporações de ofícios.

Contudo, a **hierarquia dentro da corporação** era rígida, existindo três categorias de membros:

- Os **mestres**: proprietários das oficinas, estavam no topo da hierarquia e detinham amplos poderes,
- Os **companheiros**: só podiam ascender a mestres se passassem na difícil “prova mestra”, ou se casassem com a filha ou a viúva do mestre; os companheiros eram trabalhadores contratados e que ganhavam um salário;
- Os **aprendizes**: eram os jovens trabalhadores que aprendiam a profissão, tendo para isso de pagar pesadas taxas. O mestre tinha amplos poderes sobre o aprendiz, podendo mesmo impor-lhe castigos corporais.

O capitalismo comercial

Decorrente da perda de importância da posse da terra e das atividades rurais, os campos vão sendo abandonados e as populações procuram as cidades em busca de novas oportunidades. Gradualmente, o comércio ganha importância económica, bem como a nova classe social em expansão – a burguesia. O capital assume um papel de motor de expansão e do crescimento económico desta época.

A idade moderna, época que vai desde os finais do século XV até meados do século XVIII, caracteriza-se entre outros aspetos, pelo desenvolvimento das cidades e pelo crescimento populacional, verificando-se também o aumento da circulação da moeda e a expansão da atividade bancária.

Com a expansão marítima, liderada pelos portugueses e espanhóis, o comércio reafirmou a sua importância, favorecendo uma acumulação de capitais que iria constituir o motor de investimento na nova atividade – **a indústria**.

O comércio internacional não assentava apenas em produtos de luxo, também se comercializavam matérias-primas, como os cereais, o vinho, o sal, o azeite, panos e tecidos para a indústria têxtil. Os produtos alimentares eram também muito transacionados.

A expansão marítima e o incremento do comércio internacional, em especial o comércio colonial, constituíram os principais fatores que estiveram na base das alterações verificadas na estrutura económica e social desta época, proporcionando a acumulação de capital que iria estar na origem da **primeira revolução industrial e da passagem ao capitalismo industrial**.

Assim, a Idade Moderna, pode ser considerada como uma fase de transição do feudalismo para o capitalismo.

A industrialização da Europa Ocidental

Ao longo dos séculos XVI e XVII, verificaram-se grandes inovações técnicas, principalmente nas indústrias têxtil e metalúrgica. As pequenas oficinas do mestre aprendiz vão dando lugar à fábrica, surgindo a manufatura, assente no trabalho manual do operário. Esta foi a primeira forma que o capitalismo assumiu na indústria. No entanto, enquanto assentasse no trabalho manual, o capitalismo não poderia transformar radicalmente a economia e a sociedade.

A grande transformação vem a ocorrer com a passagem da manufatura para a indústria mecanizada, operando uma verdadeira revolução, a Revolução Industrial, que se iniciou em meados do século XVIII, em Inglaterra, e se prolongou até ao início do século XIX.

A primeira **Revolução Industrial** traduziu-se essencialmente na mecanização dos meios de produção. Esta operou uma verdadeira mudança económica, social, política e cultural, marcando a passagem a um novo regime – o **capitalismo**.

Caraterísticas do Capitalismo

- A existência da propriedade privada dos meios de produção;
- A apropriação privada dos meios de produção;
- O lucro é a grande finalidade;
- A oposição entre o assalariado e o capitalista.

Gradualmente, a manufatura dá lugar à fábrica, onde se concentra um grande número de trabalhadores assalariados – os operários – que trabalhavam cerca de 15 horas por dia, em condições degradantes e de sobre-exploração, não gozando de quaisquer direitos. O trabalho era duro, exigindo um enorme esforço físico e mental, sem condições de higiene e segurança.

As condições miseráveis de trabalho e de vida das classes trabalhadoras fez eclodir revoltas e greves, conduzindo à intervenção do Estado, no sentido de introduzir a legislação laboral e o Direito do Trabalho. De forma, a verem reconhecidos os seus direitos, os trabalhadores organizam-se e formam **sindicatos. Estes são organizações voluntárias de trabalhadores que têm como objetivo a defesa dos direitos dos mesmos. Os sindicatos podem agrupar trabalhadores de uma mesma profissão ou de profissões similares, de um ramo ou de um setor de atividade.**

Século XX e os avanços tecnológicos

É sobretudo a partir dos anos 70 do século XX, que se assiste, nos países mais desenvolvidos, a uma crescente **automação da produção, apoiada pelos avanços verificados na tecnologia microeletrónica.**

Nalgumas fábricas, os robôs substituem a mão de obra humana, fazendo aumentar a produtividade do trabalho.

Efetivamente nas últimas décadas do século XX, verificaram-se inúmeros avanços no desenvolvimento das TIC sobretudo no que se refere a 3 áreas:

- O processamento, armazenamento e pesquisa de informação realizados pelo computador;
- O controlo e automatização de máquinas, ferramentas e processos, em particular a robótica;

- A comunicação, a transmissão e a circulação da informação.

Assim, as transformações provocadas pelas TIC não se limitam à esfera económica, mas também à vida quotidiana. Exemplo: comunicamos através de email, etc.

O papel do capital humano

Nesta nova “economia”, é o capital humano a chave da riqueza. São os trabalhadores do saber como lhes chama Peter Drucker, que criam, processam e distribuem a informação.

Alguns autores falam igualmente em revolução da inteligência devido à crescente importância que o conhecimento está a assumir na economia e na sociedade. Hoje, a riqueza de um país depende essencialmente do capital humano de que dispõe, isto é, da acumulação de conhecimentos, da educação e de formação que possui.

Novas formas de organização do trabalho

Modelo Taylorista:

- Simplificação das tarefas de execução;
- Individualização do trabalho;
- Seleção e formação do pessoal de execução
- Papel preponderante dos técnicos na organização do trabalho.

Modelo Fordista:

- Criou a linha de montagem;
- Um sistema fluido e contínuo de produção – o trabalho em cadeia.
- Cada trabalhador da linha de montagem executava uma tarefa específica;
- Permitia um elevado volume de produção por dia
- O nível de qualificação exigido aos trabalhadores era muito baixo (trabalho rotineiro e cansativo).

Atividade p. 57 – Plátano Editora

Trabalho, emprego e desemprego

O uso generalizado das TIC tem vindo a introduzir várias alterações no mundo trabalho e do emprego. Em contrapartida, verificou-se um aumento significativo do setor dos serviços, tanto em formas de ocupação da população ativa como na combinação deste setor para o Produto Nacional. Este fenómeno é designado por **Terciarização**.

Efeitos da terciarização da economia:

- Desaparecimento de algumas profissões. Exemplos: telefonista, oleiro, alfaiate.
- Surgimento de novas profissões. Exemplos: marketeer, webdesigner, publicitário, etc.

Contudo, o mundo do trabalho impôs atualmente novas exigências aos trabalhadores:

- Formação ao longo da vida na sua área de especialização;
- Competências em diferentes áreas como línguas e informática.

A precarização do trabalho

As TIC, por um lado destroem postos de trabalho e profissões, mas abrem igualmente novas oportunidades ao fazer surgir novas profissões. Mas um mundo em permanente mudança cria instabilidade e insegurança aos trabalhadores face ao futuro, principalmente porque existem vínculos laborais frágeis e deslocalização de empresas para países com custos de produção mais baixos (Ásia e Países do Leste). Isto traduz-se no **fim do trabalho/emprego para toda a vida. Assim, os índices de desemprego são elevados**, atingindo sobretudo os países mais industrializados e sobretudo, as mulheres e os jovens. **Atualmente são muitos os que procuram um emprego remunerado e que na altura em que procuram não o têm, tornando-se desempregados de longa duração, bem como a aceitação de contratos a termo certo ou a prestação de serviços e ainda a fuga de trabalhadores qualificados para outros países.**

Políticas de emprego

O Estado de forma a combater o desemprego tem vindo a pôr em prática um conjunto de políticas:

- Políticas ativas (formação profissional e incentivos à criação de emprego);
- Políticas passivas (centram-se na proteção social dada aos desempregados).